

Literatura infanto-juvenil com personagens negros

Português

Enviado por: aquiasvalasco@seed.pr.gov.br

Postado em: 02/02/2011

A leitura habitual de histórias com personagens negros desempenhando os mais diferentes papéis é fundamental para formar pessoas que valorizam a diversidade

Por Paula Takada Criar condições para o desenvolvimento de atitudes de respeito à diversidade é uma das responsabilidades das escolas durante toda a Educação Básica. Para que as crianças aprendam a valorizar o diferente, é preciso, desde cedo, trabalhar a questão rotineiramente e não apenas em datas comemorativas. Uma das possibilidades de ter o respeito às diferentes etnias presente no cotidiano das crianças é incluir na atividade permanente de leitura histórias vividas por representantes dos variados grupos étnicos desempenhando os mais diversos papéis. Para a antropóloga e escritora Heloisa Pires Lima, ao longo do século 20, as representações dos negros nos livros infanto-juvenis brasileiros foram muito limitadas, refletindo - e, às vezes, denunciando - as condições dessas pessoas na sociedade. "Na literatura, os papéis reservados aos negros eram de personagens escravizados, folclóricos ou submetidos a situações de exploração e miséria, como as empregadas domésticas e os meninos de rua". Se, por um lado, essas figuras retratam parte da triste realidade social do país, por outro, a ausência de negros no papel de heróis, princesas, fadas, vilões e outros tantos arquétipos literários dificulta a valorização da diversidade. "Para uma criança negra, é importante ter referências positivas da auto-imagem. E para todas as crianças, isso também é positivo, pois possibilita a construção de uma imagem mais plural da sociedade", avalia Heloisa. Vale um alerta. Não basta ler histórias politicamente corretas e terrivelmente chatas. Os livros têm que ter qualidade literária e trazer ilustrações bem feitas, afinal, "eles servem como espelhos para a construção da identidade, principalmente a das crianças", resume a antropóloga. Encontrar um livro com essas características na década de 1990 era difícil. Porém, a partir de 2003, com a lei 10.639 (que inclui o ensino de história e cultura africanas e afro-brasileiras nas escolas), dezenas de obras interessantes com personagens negros passaram a ser produzidas. Sugestões de leitura A antropóloga Heloisa Pires Lima indica 18 opções para integrar o acervo da escola: A cor da ternura, Geni Guimarães, 94 págs., FTD, A menina que tinha um céu na boca, Júlio Emílio Braz, 16 págs., DCL, Adamastor, o pangaré, Marianna Massarani, 24 págs., Melhoramentos, Betina, Nilma Lino Gomes, 24 págs., Mazza Edições Bruna e a galinha d'Angola, Gercilga de Almeida, 24 págs., Pallas, Histórias da Preta, Heloisa Pires Lima, 71 págs., Cia das Letrinhas, Ifá, o advinho, Reginaldo Prandi, 64 págs., Cia das Letrinhas, Menino parafuso, Ângelo Abu, 36 págs., Autêntica, Minhas contas, Luiz Antônio, 48 págs., Cosac Naif, O chamado de Sosu, Meshack Asare, 48 págs., Edições SM, O comedor de nuvens, Heloisa Pires Lima, 24 págs., Paulinas, O menino Nito, Sonia Rosa, 16 págs., Pallas, O Pássaro-da-Chuva, Kersti Chaplet, 24 págs., Ed. Ática, O super-herói e a fralda, Heloisa Prieto, 36 págs., Ed. Ática, Obax, André Neves, 36 págs., Brinque-book, Omo-Oba: histórias de princesas, Kiusam Oliveira, 48 págs., Mazza Edições, Princesa Arabela: mimada que só ela, Milo Freeman, 32 págs., Ática, Uma idéia luminosa, Rogério Andrade Barbosa, 23 págs., Pallas, Esta notícia foi publicada em 02/02/2011 na Revista Nova Escola. Todas as informações nela contida são de responsabilidade do autor.